O NOSSO MERCADO PÚBLICO E OS ORIXÁS

OUR PUBLIC MARKET AND THE ORIXÁS

Adalberto Ojuobá Pernambuco¹

Vários são os locais, em Porto Alegre, que se acham, direita ou indiretamente, ligados aos Cultos Afro-Brasileiros e seus Orixás. Assim, encontramos o Palácio Piratini, sede do Governo Estadual, em razão de haver sido construído sobre um local de martírios infringidos aos negros escravos; a Igreja do Rosário, conhecida antigamente como a Igreja dos Negros, edificada por uma irmandade negra; o Areal da Baronesa, hoje Praia de Belas, onde eram despachadas as “obrigações” decorrentes de “trabalhos” e também se situava a Coudelaria Bom Fim de propriedade do famoso Príncipe Custódio. Ali residiam, em casebres, as chamadas **negas-mina**. Com a urbanização da cidade, os locais em que moravam são hoje conhecidos como as ruas Barão do Gravataí e Baronesa do Gravataí.

Lembramos ainda a Bacia, que se constituía no atual bairro Rio Branco, onde se localizava a casa do Antoninho da Oxum, decorrendo daí o cognome pelo qual ficou conhecido, Antoninho da Bacia. Havia, também, a Colônia Africana, localizada onde hoje se encontram os bairros do Bom Fim e do Mont’Serrat, lugar em que pontificaram figuras da estirpe de Paulino do Oxalá, Manoelzinho do Xapanã e Joãozinho do Bará.

Quer-nos parecer, contudo, que nenhum desses locais, por maior que seja sua importância, se encontra tão intimamente ligado ao Culto dos Orixás quanto o centenário Mercado Municipal, cujas paredes guardam, zelosas, histórias já quase esquecidas do povo africano e que, esperamos, serão um dia reavivadas pelo trabalho de um pesquisador de escola. Não nos considerando como tal, tentaremos apenas relatar o que ficou da história

¹ Breve biografia do autor presente na abertura deste debate, na apresentação de Carvalho, Veras e Emil.

do Mercado a nós transmitidas pelos antigos Babalorixás e Yalorixás com os quais tivemos a oportunidade e a ventura de conviver e que traziam vivas em suas mentes recordações do Mercado original e dos negros africanos puros ou de seus descendentes diretos, que circulavam por seus corredores ou que ali faziam ponto. Essas histórias, repetidas de pais para filhos, numa tradição oral típica dos africanos, foram se perdendo pela ausência do registro escrito ou se deturpando pelas naturais falhas de memória dos homens, a exemplo do que vem ocorrendo com os fundamentos de nosso Culto.

Insondáveis são os desígnios de Olorum, o Deus Supremo, emanado através da representatividade de suas forças simbolizadas pelos Orixás. Assim, pois, nosso Mercado foi reconstruído após o aterro do rio Guaíba, afastando-o da então Rua da Praia para o local hoje limitado pelo cais do Porto. Conscientemente ou não, a sua parte central, à época ocupada por uma balança, foi colocada exatamente no ponto em que se situava um dos vértices do triângulo, formado pelo Príncipe Custódio, na segurança que fez para o governador do estado, Borges de Medeiros, visando sua permanência no cargo por um período de tempo maior. Mas isto é um assunto para uma outra crônica.

Se estudarmos a arquitetura do Mercado, verificaremos que o prédio se compõe de um quadrado emoldurado por um outro, onde ficam localizadas as bancas de acesso direto para as ruas. Essa figura geométrica é cortada nos sentidos vertical e horizontal por vias que formam uma cruz e cujo ponto central é, atualmente, ocupado por uma banca. A princípio redonda e hoje ostentando um formato octogonal, essa banca celebrou-se pelo fato de ser objeto de reverência quando do passeio ritualístico dos filhos-de-santo ao Mercado, parte integrante da tradição religiosa do Culto aos Orixás.

A construção encerra, em seu bojo, uma simbologia bastante elevada e abrangente. A figura do quadrado, contendo em seu seio uma cruz, nada mais representa do que dois quaternários, ou seja, os símbolos da matéria (em oposição ao espírito), envolvendo as quatro forças da natureza – Ar, Fogo, Terra e Água – o que espelha a realidade do local, já que as quatro

paredes materiais guardam em si todo o necessário para manter e sustentar o nosso corpo físico.

É evidente que, para o iniciado, cada uma das quatro vias internas do Mercado tem a sua significação e uma entidade que a preside. O centro da cruz, onde se localiza a banca a que aludimos, como todo ponto de convergência de um cruzeiro, é regido por uma falange de Ogum que, se é o Orixá da demanda, também é o da agricultura, além de ser o dono da faca. Claro está que este assunto envolve um Segredo de Religião e, portanto, uma questão que não deve e não pode ser revelada senão àqueles já em um grau de evolução que lhes permita entendê-la. Resta-nos dizer, tão-somente que, na Física Tradicional, todas as forças emanam de um centro e nele vêm haurir novas energias **ad infinitum**. E como esse princípio é derivado da Física Oculta, aí teremos a síntese de toda a movimentação das forças espirituais que dirigem o dia-a-dia do Mercado e dos seus usuários.

Ainda nos recordamos que, há vinte ou mais anos atrás, quando frequentávamos o Centro Africano Nossa Senhora dos Navegantes, então na rua das Camélias, e dirigido com sabedoria pela inesquecível Mãe Ester, por ocasião da festa grande de sua Mãe Yemanjá, por diversas vezes fomos até o Mercado e ali, numa banca interna, em um grande tanque, escolhíamos pintados e jundiás, ainda vivos, para o serão do peixe!²

Outro quadro que jamais se apagará de nossa mente é o da figura tradicional das negas-mina, sentadas nos corredores do Mercado, vestidas de chita, pano à cabeça e fumando incessantemente cigarros, cachimbos e charutos. Nos seus colos uma variedade de patuás que eram adquiridos pelos passantes e de cuja venda tiravam a sua subsistência. Magras, quase secas, canelas finas, faces inescrutáveis e cobertas de rugas, elas se constituíam em algo que jamais poderá ser revivido. E era patente o cuidado dos que a elas se dirigiam em jamais as melindrar, tão forte era a fama de feiticeiras que desfrutavam.

² Trata-se de um dos momentos festivos finais do ritual de Obrigação onde são preparados alimentos à base de peixe.

Lembramo-nos de que, em certa ocasião, um frequentador do Mercado, conhecido de sobejo por sua irreverência, foi abordado por uma das mais velhas mina que lhe solicitou um cigarro. Imediatamente este lhe retrucou que daria o cigarro se ela lhe mostrasse as pernas, coroando o seu gracejo com uma sonora gargalhada, no que foi acompanhado por seus amigos. A nega-mina olhou-o com aquele olhar distante, característico da sua raça, e disse, dirigindo-se ao grupo: “-Meus fios, de que vancês estão rindo? Logo mais vancês vão tudo chorá. E tu fio, vai vê as tuas pernas mais feias que as da nega véia”.

Eles se afastaram ainda rindo e, logo em seguida, ao tentar atravessar a Borges, foi o gracejador atropelado por um caminhão que, além de o matar, quebrou-lhe as pernas, deixando-as em uma posição ridícula sobre o calçamento.

Naquele tempo, enquanto as negras permaneciam sentadas pelos corredores, os homens circulavam pelo Mercado envergando camisas de física, calças de riscado presas por suspensórios de pano (saudades enormes do Joãozinho do Bará) e chinelos de couro, com suas cabeças cobertas sempre pelos **camoletes**³ que para os leigos pareciam toucas. Suas caminhadas só eram interrompidas pela chegada de um ou outro frequentador, ao qual davam atendimento. E quando o caso, pela sua gravidade, o requeria, encaminhavam-no ao jogo do **cawris**, onde Ifá, por certo, lhe dissiparia as dúvidas.

Profundos conhecedores da magia, os mina imperaram no Mercado, fazendo escola. Orientavam alguns dos mais famosos Babalorixás que, quando ainda na infância ou adolescência, os procuravam pela sua imensa sabedoria. E tanto eram reais os seus conhecimentos que sempre correu entre os adeptos aquela frase que sintetiza a sensação dorida da perda de um passado glorioso que a geração jovem vem relegando ao olvido: “No tempo dos mina, eles, só com uma pomba, faziam chover; hoje, nem com um pombal nós o conseguimos”.

São dezenove horas e trinta minutos e o Mercado se esvazia e fecha suas portas. Parece-nos ver, envoltos na saudade, saírem pela porta principal três figuras de adolescentes que logo identificamos: precedido por um negrinho,

³ Lenço que é enrolado no orí, ou seja, na cabeça, a título de proteção.

alto e esguio, envergando uma camisa listrada de malha e conhecida à época por “sossega leão”, vinha um negro forte, alto e gordo abraçado a um jovem alvo, de estatura baixa e cheio de corpo. Eram, respectivamente, o Bará, o Ogum e a Oxum deixando o Mercado, na representação material de seus diletos filhos: Luís, Eliseu e Fábio.

Nós os saudamos com **alafιά** tradicional e partimos na certeza de que o Mercado e a Religião Africana estarão sempre unidos e ligados pela história e pela tradição.

Recebido em: 27/10/2018

Aprovado em: 27/10/2018

COMENTÁRIOS